



CHICA DA SILVA E JOÃO FERNANDES

(1753-1779)



João Fernandes foi acometido da mais pura volúpia ao avistar a escrava Chica da Silva pela primeira vez. Normalmente ponderado, ele saiu do prumo ao deparar com a beleza exótica daquela mulata alta e esguia. A cintura fina, os seios primaveris e o corpo cujo contorno escultural se insinuava por debaixo da armação do vestido compunham uma visão onírica para o jovem recém-chegado ao Arraial do Tejuco. Era uma visão que lhe faria perder o sono naquela noite, e também nas seguintes. “Essa escrava tem que ser minha!”, decidiu João em meio a uma das madrugadas insones.

Não seria nada fácil, contudo. Chica era a predileta do português Manuel Sardinha, médico que ocupava também o cargo de juiz do Tejuco – atual cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Tratava-se de um solteirão já sexagenário, que havia tido filhos com algumas de suas escravas. Chica era um dos casos. Tão logo se tornou adolescente, ela não teve como resistir ao assédio de Sardinha. Quando completou 20 anos, em 1751, a jovem deu à luz um menino, Simão.

Chica nascera no Arraial do Milho Verde, perto dali, composto por não mais do que uma dúzia de casebres ao redor de uma igreja, erguida à beira de um riacho. Era filha da escrava Maria, que recebera esse nome ao ser capturada e trazida da África para o Brasil, ainda criança. O pai de Chica, o militar português Antônio, não

assumiu a paternidade e deixou Maria tomando conta sozinha da criança, como era comum à época.

A mãe de Chica perseguiu obstinadamente seu grande objetivo de vida: tornar-se livre. Escravos que conseguissem juntar dinheiro poderiam comprar a própria alforria. Muitos esbarravam na proibição por parte dos senhores de exercer qualquer tipo de atividade que não fosse servi-los. Assim, não tinham como ganhar dinheiro suficiente para conquistar a própria liberdade e se viam condenados a permanecer como cativos pelo resto da vida. Nesse sentido, pode-se até dizer que Maria tinha sorte: considerando-se os padrões da época, ela cultivava um bom relacionamento com seu proprietário, Domingos da Costa, ele próprio um ex-escravo que comprara a alforria – e que continuou prosperando até ter seus próprios escravos.

Por mais que a escravidão seja uma prática condenável vista aos olhos de hoje, é preciso entender que, faltando mais de um século para que os primeiros movimentos pela abolição surgissem no Brasil, tratava-se de uma instituição estabelecida e aceita como normal. Famílias abastadas possuíam escravos não apenas para resolver os problemas domésticos e ser uma força de trabalho barata, mas também por uma questão de *status*. Muitos dos escravos que conquistavam a alforria consideravam que outros cativos que quisessem trilhar o mesmo caminho deveriam alcançar a liberdade por méritos próprios. Era esse o pensamento de Domingos da Costa e seria também o da própria Chica da Silva, que nascera escrava e, como veremos, chegaria ao fim da vida como senhora de dezenas deles.

Chica conhecia muito bem as agruras da vida sob escravidão. Na infância, teve uma rotina pesada de trabalhos domésticos – cozinhar, lavar roupa, limpar a casa –, com algumas breves oportunidades de brincar com as outras pequenas escravas. Nessas ocasiões, qualquer espiga de milho e pedaço de pano velho eram suficientes para construir as bonecas que faziam a imaginação da menina voar.

Sonhando em dar um destino diferente à filha, Maria preparava doces para vendê-los nas ruas – um “bico” ao qual se dedicava, com a autorização de Domingos, após cumprir suas obrigações de escrava. Assim, pouco a pouco, juntou o dinheiro necessário para comprar sua liberdade. Quando finalmente obteve a alforria, decidiu partir para o Tejuco, o lugar mais desenvolvido das redondezas, encravado em uma região montanhosa e de clima agradável.

A alforria comprada pela mãe não dava liberdade a Chica, contudo. Sabendo da pretensão de Maria em se instalar no Tejuco, Domingos negociou a transferência da ex-escrava, com a filha, para a casa de Manuel Sardinha. A relação de dependência que Maria estabeleceria a partir dali com Sardinha não seria muito diferente da que existia anteriormente com Domingos – mesmo porque havia Chica, ainda na condição de escrava. Sardinha concedeu a liberdade a Simão no momento do batismo, a exemplo do que fizera em relação a seus outros filhos em situação semelhante. Chica passou a viver, então, a curiosa condição de permanecer escrava enquanto sua mãe e seu filho deixaram de sê-lo.

Era esse o cenário que João Fernandes teria que enfrentar para conquistar a mulher que vinha lhe tirando o sono. Nascido na cidade mineira de Mariana, João chegara ao Tejuco com a missão de ajudar a tomar conta dos negócios do pai, de mesmo nome, um poderoso contratador de diamantes. O velho João Fernandes deixara Portugal ainda jovem para tentar a vida no Brasil. Casou-se com uma carioca, filha de comerciantes bem-sucedidos, e graças aos bons contatos que fez dali em diante conseguiu a permissão para explorar diamantes na região do Tejuco.

Estabelecer contratos do gênero com comerciantes independentes foi a solução adotada pelo reino de Portugal para disciplinar a extração das pedras, que vinha ocorrendo desordenadamente desde a década de 1720. A exploração dos diamantes começou quando os garimpeiros que procuravam ouro na região encontraram por acaso, no leito de um rio, algumas pedras brilhantes. Durante algum

tempo, a extração foi feita em segredo, com a conivência de autoridades locais, que se empenhavam em evitar que a Coroa portuguesa soubesse da novidade. Mas o boato correu e muitos aventureiros chegaram à região. Quando descobriu o que estava acontecendo, o governo estabeleceu a cobrança de pesados impostos sobre as riquezas extraídas. Mas o sistema não funcionou a contento, pois dava espaço à corrupção dos funcionários da Coroa e ao contrabando.

Em 1734, a Coroa definiu uma área em que a extração seria permitida, denominada Demarcação Diamantina. A corrida pelos diamantes resultaria em tantos achados nos anos seguintes que o preço do produto despencou, levando o governo português a suspender a extração por cinco anos, para que os diamantes voltassem a se valorizar no mercado. Quando o processo foi retomado, havia novas regras. Só receberia autorização para extrair diamantes quem formalizasse um contrato com o representante do governo português nomeado para cuidar da área em questão. Com boas relações em Portugal, o velho João Fernandes ganhou o direito de administrar a região da Demarcação Diamantina. Tornou-se, assim, um “contratador de diamantes”.

Os diamantes eram remetidos para Portugal uma vez por ano, em dezembro. A tarefa ficava a cargo da chamada Nau do Ouro, que percorria o trajeto entre América e Europa devidamente protegida por um navio de guerra equipado com sessenta peças de artilharia e homens fortemente armados. Toda essa riqueza permanecia ao longo do ano sob atenta vigilância na Casa da Intendência do Tejuco – ainda assim, ocorriam frequentes desvios e roubos.

O sistema de extração de diamantes se baseava, assim como qualquer outra atividade econômica da época, em mão de obra escrava. Era um trabalho pesado, mas que ao menos incluía um alento: tornou-se norma recompensar com a alforria o escravo que encontrasse uma pedra muito valiosa, de pelo menos 17,5 quilates, o equivalente a cerca de 3,5 gramas de peso. Oferecer a liberdade como prêmio era uma forma de motivar os escravos a trabalhar de

sol a sol, com o máximo de empenho e dedicação. Uma estratégia cruel, pois a maioria jamais tiraria a sorte grande. O viajante inglês John Mawe, que visitou a região à época, deixou um relato em que contava ter testemunhado a descoberta de uma bela pedra por um escravo e da torcida de todos os demais para que ele alcançasse a alforria. Ao ser pesada, contudo, a pedra revelou ter 16,5 quilates – um pouco menos que o mínimo necessário para a concessão do benefício. “Todos partilharam do pesar dele quando a pesagem acusou a falta de um quilate”, registrou Mawe.

Enquanto o velho João Fernandes fazia prosperar os seus negócios indiferente aos sofrimentos e desilusões de seus mais de quatrocentos escravos, o filho enfrentava dois meses de viagem de navio para estudar em Portugal, como era comum nas famílias mais abastadas do Brasil. Não havia universidades na colônia, por proibição expressa da Coroa, que queria evitar o surgimento de uma geração de brasileiros críticos o suficiente para começar a pleitear a independência. Preocupado em facilitar o trânsito do filho no circuito da nobreza em Portugal, o pai comprou para ele o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Em Lisboa, João estudou primeiro no seminário de São Patrício, administrado pelos jesuítas. Chegou a pensar em ser padre, mas desistiu de seguir a vida religiosa para estudar na Universidade de Coimbra, um dos principais centros culturais europeus naquele período.

O curso que escolheu, chamado Cânones, reunia conhecimentos de Filosofia, grego e latim e durava cinco anos. Formar-se nesse curso abria a possibilidade de se tornar padre ou juiz, e dava direito também a atuar como advogado. Assim que se diplomou, João chegou a ser nomeado desembargador do Tribunal da Relação da cidade do Porto. Esteve a um passo de radicar-se definitivamente em Portugal, mas se viu impelido a voltar ao Brasil para ajudar o pai a cuidar dos negócios.

Rico, finamente educado e bem-apeado, João era um solteiro cobiçadíssimo de 26 anos, centro das atenções das moças ca-

sadoiras da alta sociedade brasileira e portuguesa. Mas o coração tem seus caprichos. Assim que chegou ao Tejuco, João foi visitar Manuel Sardinha, velho conhecido de seu pai, e nessa ocasião teve a inquietante visão de Chica, que apenas passou pela sala enquanto os dois conversavam. Foi o suficiente para que deixasse o forasteiro deslumbrado. Ela estava com 22 anos.

O assunto foi sutilmente introduzido por João na visita seguinte, mas o velho desconversou. João precisou, então, ser mais incisivo. Disse que estava precisando de bons escravos e havia gostado daquela moça – estaria disposto a pagar o que fosse preciso. Sardinha respondeu que negociar Chica estava fora de cogitação, pois não havia bem material que compensasse sua ausência. Disse isso com um sorriso malicioso, o que deixou João intrigado e até mesmo raivoso. Ele já se sentia apaixonado por Chica e, como todo apaixonado, tinha ciúmes.

Bastou investigar mais um pouco para descobrir algo que Sardinha não revelara: que ele era o pai de Simão, então com dois anos, assim como era pai também dos filhos de outra escrava mais antiga, Antônia. Embora não assumisse a paternidade oficialmente em ambos os casos, todos na localidade sabiam disso. Esse vínculo de Chica com Sardinha certamente deixava tudo ainda mais complicado, mas João não estava disposto a desistir. Decidiu que usaria todos os recursos que estivessem a seu alcance, incluindo um “golpe baixo”.

O jovem convenceu o vigário responsável pela região do Tejuco de que não ficava bem, diante dos preceitos de Deus, um homem viver com duas mulheres sob o mesmo teto. Expôs seus argumentos citando passagens da Bíblia, que conhecia bem por tê-la estudado a fundo. Sugeriu ao vigário, então, que pressionasse Sardinha a escolher com qual das duas ficaria. O vigário obviamente sabia da situação e a tolerava até então, mas a observação do poderoso e influente recém-chegado o impeliu a tomar providências – mesmo porque João acenou com a possibilidade de polpudas doações para a igreja local.

Sem mencionar João em momento algum, conforme este havia lhe pedido, o religioso foi conversar com Sardinha, expondo-lhe o desconforto que sentia diante da situação. Alegou que era um mau exemplo para os demais fiéis. Sardinha se viu pressionado a resolver a questão. Pensou que, como Antônia era mais velha, seria difícil encontrar interessados em sua compra. Com o coração partido, e lembrando-se do interesse de João por Chica, Sardinha aceitou abrir negociação. Não desperdiçou a oportunidade de conseguir um bom preço, entretanto. João nem deu importância a esse detalhe. Afinal, pagaria mesmo o que fosse necessário para tomar posse daquela mulher. O antigo proprietário de Chica fez questão de que o pequeno Simão, seu próprio filho, seguisse com a mãe. Impôs essa condição a João – que a aceitou sem problemas, mesmo porque, já com ciúmes antecipados, imaginou que, com uma criança por perto, ela teria menos tempo e oportunidades de se envolver com quem quer que fosse.

João agiu, então, como um verdadeiro cavalheiro. Tomou cuidado para não tratar Chica como um objeto, e sim como uma mulher digna de carinhos e gentilezas. Em casa, fez questão de deixar claro para os demais escravos o papel que a recém-chegada exerceria, com *status* superior a todos eles. Ela viveria, na prática, como sua esposa. Chica, por sua vez, logo se deixou encantar por aquele rapaz de modos gentis e sorriso cativante que a fez superar a resistência natural de quem ouvira muitas histórias sobre senhoras que se aproveitavam das suas escravas e depois as deixavam em péssima situação.

Na primeira noite juntos, João desfrutou de cada minuto da companhia de Chica sentindo-se como se estivesse no céu. A maciez da pele, a profundidade do olhar, a forma sensual como o corpo dela se contorcia, tudo se somava para que o rapaz tivesse uma sensação de êxtase pleno, algo que jamais sentira até então. Habitado a lidar com diamantes, ele teve a certeza de que havia encontrado o seu tesouro particular. Saía de casa já morrendo de

vontade de voltar a beijar cada centímetro daquele corpo deslumbrante, de segurar Chica pela cintura fina e apertá-la contra si, de passear pelas curvas inebriantes e protegê-la em seus braços até o amanhecer.

Nascia ali um sentimento de amor verdadeiro. Quando percebeu que estava diante da mulher da sua vida, por quem valeria a pena enfrentar todos os obstáculos, João não hesitou em assumir publicamente a relação com Chica. Ele admirava a habilidade e a inteligência intuitiva com que ela se adaptava ao novo mundo com o qual estava entrando em contato. Era uma escrava por circunstâncias da vida, mas certamente tinha alma de rainha. Graças à obstinação de João em torná-la sua esposa, merecedora de todos os seus afetos e atenções – e não apenas uma amante ocasional –, Chica se transformaria numa dama da sociedade. Uma dama que, apesar da origem e da cor da pele, conviveria com ricos e nobres como se tivesse nascido entre eles.

No princípio, como era natural, a moça se mostrava apreensiva diante da nova vida que começava a levar. Tudo parecia bom demais para ser verdade. Por que aquele homem rico e elegante, que se trajava à moda europeia – fraque, camisa de linho e lenço de seda, além do chapéu e da bengala que completavam a vestimenta clássica de um homem distinto –, se interessaria justamente por ela, tendo todas as sinhozinhas do mundo a seus pés? Quanto tempo duraria aquele sonho? Parecia inevitável que João logo se fartasse e partisse para a próxima aventura, exatamente como faziam todos os homens brancos em relação às suas escravas.

Essa sensação de inferioridade diante de João rapidamente se transformou não apenas em afeição, mas em verdadeira devoção. Chica passou a se dedicar de corpo e alma à missão de ser a mais completa e encantadora esposa que um homem pudesse ter. As noites continuavam ardentes e ganharam o ingrediente adicional da cumplicidade, mas ela soube combinar aos seus encantos físicos as frequentes demonstrações de carinho e o empenho em adminis-

trar da melhor forma possível a casa e os demais escravos – ainda que, oficialmente, continuasse sendo um deles. João encantava-se cada vez mais com o esforço de Chica e orgulhava-se dos progressos que ela fazia dia após dia. Além do talento natural para ostentar belas roupas e joias – parecia ter vivido desde criança em meio ao luxo –, ela se esforçava nas aulas de alfabetização e passou até a se interessar por teatro, um dos hábitos sofisticados que João trouxera da Europa.

No Natal do mesmo ano em que comprou Chica, 1753, João lhe deu o maior de todos os presentes: anunciou sua alforria, sem exigir nada em troca. Perderia o dinheiro investido, mas certamente ganharia pontos no coração da amada, perspectiva mais que suficiente para justificar o ato. Se até então persistia em Chica alguma dúvida sobre a autenticidade dos sentimentos de João, aquela era a prova definitiva. Ele realmente gostava dela. O rapaz se apoiava em seu prestígio e poder para desafiar os preconceitos da sociedade. Eventuais comentários maldosos sobre a situação eram feitos às escondidas, pois ninguém no Tejuco tinha coragem de desafiá-lo abertamente, sob pena de sofrer as consequências da sua influência. Com o apoio firme de João, Chica passou a frequentar, ativa e desembaraçadamente, os ambientes da alta sociedade.

Alguns meses depois da inesquecível festa de Natal em que ganhou a liberdade – e, mais do que isso, teve certeza do amor de João por ela –, Chica engravidou. A pequena Francisca de Paula foi devidamente reconhecida pelo pai e teve como padrinho ninguém menos que Manuel Sardinha, o ex-proprietário de Chica e pai do primeiro filho dela; prova de que não restou mágoa nesse imponderável triângulo amoroso. O mais importante de tudo, para Chica, foi um detalhe do registro de batismo: seu próprio nome ganhava, pela primeira vez, o sobrenome de João, “Oliveira”.

A pequena Francisca, que carregava o mesmo nome da mãe, seria a primeira dos 13 filhos que o casal teria – 4 meninos e 9 meninas. Embora passasse boa parte do tempo grávida, Chica

continuava se esforçando no dia a dia para manter aceso o interesse do amado por ela. Podia fazer isso sem a preocupação de ter que cuidar das crianças, pois contava com a ajuda de várias escravas e de sua mãe, Maria, prontamente acolhida por João desde o começo do relacionamento. João mandou construir uma casa grande, cheia de quartos e com um quintal repleto de árvores frutíferas. Havia também uma capela dedicada a Santa Quitéria, de quem Chica era devota. E até um lago artificial, que Chica dizia ser o “mar” que o amado havia mandado fazer especialmente para ela.

Cada vez mais segura como mulher de João, ela se tornou uma grande anfitriã no Tejuco. As festas que organizava marcaram época, especialmente pela fartura. Dinheiro nunca foi problema para João, cujos negócios continuavam cada vez mais prósperos. Ele decidiu, então, comprar uma chácara para sediar eventos que reuniam música e teatro. Ao patrocinar artistas e reunir em torno das apresentações a fina flor da sociedade local, ele matava um pouco da saudade que sentia da ebulição cultural que testemunhara em Lisboa e, ao mesmo tempo, consolidava sua influência – e a de Chica, por extensão – no Tejuco e arredores.

João se preocupava também em dar a melhor educação aos filhos. Em 1767, as três filhas mais velhas do casal foram internadas no Recolhimento de Macaúbas, em Sabará, estabelecimento voltado a meninas da elite, com matrícula paga literalmente a ouro. A primogênita Francisca de Paula já era uma mocinha de 12 anos, mas a pequena Ana Quitéria tinha apenas 5 anos. Uma vez internas, as meninas foram submetidas a um cotidiano de simplicidade e desapego de bens materiais – deixaram até de ser chamadas pelos nomes de batismo. As roupas foram substituídas pelo hábito típico dos franciscanos e boa parte do dia era dedicada às orações.

Os objetivos da formação oferecida pelo Recolhimento eram encaminhar as jovens à carreira religiosa ou transformá-las em esposas exemplares. As outras filhas do casal foram sendo internadas à medida que chegavam aos 5 anos. A saudade que Chica e João

sentiam das filhas era tanta que ele decidiu construir uma casa ao lado do convento apenas para abrigá-los nos dias permitidos para visita. Enquanto isso, os filhos homens permaneciam ao lado do pai, ajudando-lhe no negócio do qual seriam herdeiros.

Havia apenas uma coisa capaz de tumultuar a relação quase perfeita entre João e Chica: o fantasma do ciúme. Tanto um quanto outro morriam de medo de que seus encantos perdessem a força a ponto de abrir espaço para um substituto ou substituta. Correram boatos sobre atitudes extremas patrocinadas por João e por Chica em nome do chamado “monstro de olhos verdes”. Chica teria mandado afogar o bebê de uma escrava que suspeitava ser filho de João. Ela já havia flagrado alguns olhares dele em direção à moça, e a falta de explicação sobre a gravidez – quem era o pai, afinal de contas? – lhe pareceu indício seguro de que havia algo errado ali. Já João teria castigado cruelmente um escravo que se tornara próximo demais de Chica. Certa ocasião, ao procurá-la por toda a propriedade, João a encontrou em um lugar isolado, supostamente praticando jardinagem com ajuda do rapaz. No dia em que o marido desconfiado viu o possível amante da mulher banhando-se nu e constatou sua exuberante forma física, mandou cortar o mal pela raiz. Se realmente ocorreram, esses atos desumanos foram abafados e não passaram de boatos. Mas quem conhecia o casal de perto sabia que o ciúme entre eles poderia mesmo motivar atitudes extremas.

Quando parecia que nada iria separar os dois, o destino aprontou mais uma das suas. O pai de João morreu em Portugal e ele teve que embarcar com urgência para resolver problemas referentes à herança. O velho João Fernandes havia se casado pela segunda vez e a jovem viúva, Isabel, o fez assinar às vésperas da morte um novo testamento, em que deixava metade da fortuna para ela. João e o pai já andavam se estranhando a distância, pois o filho discor-dava dos gastos exagerados que o velho fazia para agradar à esposa. A gota d’água foi a construção de uma mansão em Portugal, feita

para atender a todos os caprichos de Isabel. O pai, por sua vez, não aceitava críticas de um filho que abrisse mão das melhores possibilidades de casamento para se unir a uma escrava.

Aos 43 anos, sentindo a saúde já fraquejando vez ou outra, João enfrentou uma comovida despedida de Chica e dos filhos – o caçula José Agostinho tinha acabado de nascer. Era triste, triste demais, pois naquele tempo uma viagem à Europa não era algo que se podia fazer o tempo todo. João precisava, no entanto, enfrentar a longa e penosa travessia justamente para assegurar que o patrimônio construído pelo pai e ampliado por ele próprio chegasse intacto aos filhos. Precavido, deixou um testamento em que reconhecia cada um dos seus filhos com Chica – e mais Simão – como herdeiros legítimos de tudo o que possuía. A sensação era a de que talvez não voltasse a vê-los.

Chegando à Europa, João logo constatou que não lhe restava alternativa a não ser assumir para valer os negócios deixados pelo pai em Portugal. Caso não o fizesse, a fortuna estaria mesmo condenada a desaparecer. Assim, o tempo passava sem que João conseguisse viabilizar o retorno ao Brasil. Os negócios em Portugal dependiam muito dele, de sua presença física. Assim, a permanência na Europa tornava-se cada vez mais obrigatória e definitiva. Nesse meio tempo, o marquês de Pombal decidiu mudar a estratégia da exploração dos diamantes e extinguiu o sistema de contratos. A Coroa montou estrutura própria para extração e fiscalização das minas, assumindo diretamente todo o processo e deixando João sem seu lucrativo ganha-pão no Brasil. Chica só não passou necessidade porque continuou ganhando dinheiro com o aluguel de escravos para o governo.

A possibilidade do reencontro estava cada vez mais distante. Isso ficou especialmente evidente quando João convocou os filhos homens, incluindo Simão, para ajudá-lo nos negócios em Portugal. Estava convicto de que precisava colocar os rapazes a par de tudo. Afinal, ele não era imortal... Foi assim que, de forma inesperada

para quem construíra uma família tão numerosa, Chica se viu subitamente sozinha. Ela decidiu, então, trazer as filhas de volta para casa. Oito retornaram do convento – apenas Antônia quis ficar para seguir carreira religiosa. Chica passou a se dedicar à missão de terminar de preparar as filhas para encaminhá-las na vida. Sabia que, agora que o pai das meninas não estava por perto, encontrar bons maridos seria fundamental para o futuro de cada uma delas.

Em meio à saudade e à necessidade de se conformar com uma situação que se tornara aparentemente irreversível, aquela década passou voando. João partira em 1770, e em 1779 chegou a notícia que Chica mais temia: o homem que lhe dera os dois maiores bens que uma pessoa pode receber de outra – amor e liberdade – morrera em Lisboa, aos 52 anos.

Torturada pela sensação de não ter se despedido, de não ter conseguido mudar o destino que a separou de João justamente quando ele mais precisava de seus cuidados, Chica enfrentou um longo período de dor e tristeza. A vida nunca mais seria a mesma para ela. Era como se o encanto, o brilho, o fogo tivessem se apagado para sempre. Ela continuava transitando livremente pela sociedade dos brancos, mas a mulata vistosa de outrora dera lugar a uma recatada senhora dedicada à religião. Ia à missa quase todos os dias e distribuía esmolas, além de financiar obras sociais. Tornava-se progressivamente obesa, pois se limitava a passar a maior parte do dia deitada, sob a constante atenção de seus escravos.

Quando morreu, em 1796, aos 65 anos, Chica da Silva foi sepultada no interior da igreja de São Francisco de Assis, reservada à elite branca, com todas as honras de dama da sociedade. A dama que, de fato, ela foi – graças ao amor incondicional de um homem.